



#### Comissão Executiva

Dr. Sérgio Marcos de Benveniste  
Dra. Monique Marcos de Benveniste  
Prof. Doutor A. A. Marques de Almeida  
(Coordenador Executivo e Científico)

#### Conselho Consultivo

Prof. Doutora Maria José Ferro Tavares  
Prof. Doutor António Borges Coelho

#### Director

Prof. Doutor A. A. Marques de Almeida

#### Editor

Dr. Paulo Mendes Pinto

## Índice

Plano de Actividades 2001/2002 - 2006/2007

Segundo Curso Livre de Língua e Cultura Hebraica

Quinto Curso de Estudos Sefarditas: Os Sefarditas portugueses na emergência do Mundo Moderno. Práticas económicas e formação dos mercados

Cadernos de Estudos Sefarditas, Vol. 1

Notícias

Texto Antológico



Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Al. da Universidade, 1699 Lisboa Codex  
Telefone 21 79 20 000, ext. 317, Fax 21 79 60 063  
Email: cat.ests.sefarditas@mail.fl.ul.pt  
Site: www.fl.ul.pt/cat.htm

## PLANO DE ACTIVIDADES DA CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS “ALBERTO BENVENISTE” PARA O QUINQUÉNIO 2001/2002 - 2006/2007

### São os seguintes os objectivos fixados para o próximo quinquénio:

Concluir a investigação sobre mercadores sefarditas e a família Mendes Benveniste, e dar início ao projecto de investigação, já aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, «Dicionário de Sefarditas Portugueses: Mercadores e Gente de Trato»;

Por intermédio do Programa «Lições Alberto Benveniste» apoiar a participação de Professores e Investigadores nacionais ou estrangeiros em Seminários de pós-graduação, quer na área da História, quer nas áreas das literaturas e das culturas medievais e modernas;

Instituir anualmente um Programa de «Bolsas Alberto Benveniste» a fim de apoiar jovens estudantes a aprofundar a investigação na área da história e cultura sefarditas;

Conceder apoio financeiro para publicação de teses de Mestrado e de Doutoramento em estudos sefarditas;

Continuar a formação de um acervo bibliográfico e documental, especializados, organizando-os sob a forma de Biblioteca e Centro de Documentação, de molde a possibilitar o estudo da comunidade sefardita;

Organizar colóquios, cursos livres, seminários e outros eventos científicos de âmbito nacional e internacional, que tendam à difusão da informação histórica sobre as comunidades sefarditas;

Aproveitar todos os recursos financeiros, materiais, humanos e científicos já existentes e organizar e acreditar a CESAB como centro de investigação;

Acentuar a vertente de história económica e particularmente o que diz respeito à actividade mercantil das comunidades sefarditas, tendo em vista a organização de um encontro internacional da especialidade, dentro do prazo de dois anos;

Continuar o programa de divulgação das suas actividades, quer por via do Boletim, quer pela Home Page;

Dar ênfase ao Ciclo de Conferências (anual) e à organização dos Cadernos de Estudos Sefarditas não só como meio de difusão do papel da CESAB no plano científico, como também na divulgação dos novos estudiosos dos temas sefarditas;

Finalmente, apostar literalmente no relacionamento internacional e envolver crescentemente a CESAB no panorama das instituições universitárias e para-universitárias que estudam os temas sefarditas.

## SEGUNDO CURSO LIVRE DE LÍNGUA E CULTURA HEBRAICA

Dado o êxito conseguido com as últimas edições dos cursos livres de introdução à língua hebraica, a direcção da Cátedra, em conjunto com o Professor Doutor José Augusto Ramos, decidiu levar a cabo uma segunda edição do nível básico. Esta segunda edição terá início em Março próximo (dia 12), decorrendo às terças feiras, até ao final do ano lectivo. As inscrições estarão abertas até ao dia 28 de Fevereiro, e podem ser efectuadas por correio, e-mail, fax, ou directamente nas instalações da Cátedra, entre as 13.00 e as 18.00 horas dos dias úteis.

## QUINTO CURSO DE ESTUDOS SEFARDITAS

Os Sefarditas portugueses na emergência do Mundo Moderno. Práticas económicas e formação dos mercados. A realizar em Fevereiro e Março de 2002.

### Docente

A. Marques de Almeida  
Universidade de Lisboa  
Cátedra Alberto Benveniste

Nesta ultima residência em Londres se deve ter Beniowski relacionado com Magalhães, visto como o capitão S. Pasfield Oliver, o ultimo editor das *Memórias* a que nos vamos referir, afirma que o nosso fisico perdeu muito dinheiro na derradeira expedição do aventureiro a Madagascar. Muito dinheiro! Onde o teria êle para o perder? Quando muito, algumas economias que lhe levariam anos a amealhar.

Beniowski foi de Londres a Baltimore, d'onde partiu em Outubro de 1784, chegando por último à baía de Antangara, proximo da ponta setentrional de Madagascar. Ali morreram alguns dos seus associados, mas êle com os sobreviventes atravessou as montanhas em direcção a Argontsy, perto do cabo Leste, onde tomou posse de uma feitoria francesa que defendeu com uma estacada. Levado o caso a conhecimento do Governador da Ilha de França, este mandou um navio com tropas contra o aventureiro. No primeiro combate que se travou, Beniowski ficava morto.

Todavia, ainda por algum tempo na Europa, se recusaram a acreditar no seu falecimento. Luis Pinto, a 22 de Agosto de 1786, não julgava de pouca importancia referir-se, em officio a Martinho de Melo e Castro, ao famoso Conde Berniowski que, ao contrario do que diziam algumas gazetas, conseguira fundar um estabelecimento em Madagascar, havendo toda a apparencia de constituir um governo estavel que devia influir na nossa possessão de Moçambique.

Em 1799, publicaram-se em Dublin as *Memoirs and Travels of Mauritius Augustus, Count de Benyowsky written by himself. Translated from the original manuscript by W. Nicholson* e no ano seguinte em Paris apareciam as *Voyages et Memoires de Maurice Auguste, Comte de Beniowski. Contenant ses opérations militaires en Pologne, son exil au Kamchatka, son évacion et son voyage, à travers l'Océan Pacifique, au Japon, à Formose, à Canton, en Chine, et les détails de l'établissement qu'il fut chargé par le ministre françois de former à Madagascar*. Paris, 2 vol. in 8.º, 1781. Publicados por J. H. Magellan e F. J. Noel.

Ha quem suspeite que as *Memórias* foram redigidas pelo próprio Magalhães. A hipótese e posta de parte pelos que têm estudado o manuscrito que existe no Museu Britanico, onde foi depositado depois da sua publicação e comprado a Magalhães. Bastaria esta ultima circunstancia para arruinar a ideia de uma mistificação; visto que a probidade foi timbre do

nosso compatriota. Certamente, o manuscrito não é da letra de Beniowski, mas em cada um dos seus quatro volumes, apôz este a sua assinatura para o autenticar.

Os numerosos erros de facto que o livro contém, alterações de datas e narrações fantasistas e romanticas devem ser atribuidas ao aventureiro porquanto muitas são reproduções d'asserções escritas em documentos do seu próprio punho. Umaz vezes, o Conde desejava aparentar o que não era, outras aumentar ainda o interesse da sua romanescas existência. Pense-se, porem, o que se pensar a respeito das *Memórias* de Beniowski é certo que elas causaram grande impressão. Divulgaram-se em todas as linguas europeias, em inglês, em francês, em alemão, em russo, em polaco: Kotzebue tomou-as para base do seu drama *Graf Beniowski*; uma das óperas de Boieldieu, com libreto de Alexandre Duval, tem por titulo *Beniowski ou les Exilés du Kamchatka*; G. de La Landelle fez do aventureiro o heroi do seu romance em 10 volumes: *Le dernier des Flibustiers. Le Roi des Rois (1785-1858)*. Nos ultimos anos do século passado e nos primeiros do actual, a critica tem procurado infatigavelmente separar o que ha de verdade e ficção nas suas aventuras: Bastará lembrar apenas os estudos de Jankó e de Kropf. A ultima edição inglesa é de 1904 e encarregou-se dela o capitão S. Pasfield Oliver que lhe juntou uma introdução, notas e uma extensa bibliografia. Ao aparecer a edição francesa das *Memórias*, já era falecido Magalhães. A morte redimira-o de tanto trabalho em 7 de Fevereiro de 1790, num arrabalde de Londres, Islington. Justo é considerá-lo como um dos homens que mais contribuíram para o progresso da fisica na ultima, metade do século XVIII, diz Michaud na *Biographie Universelle*, e já antes o tinham dito outros. Em Portugal nunca o exilado logrou despertar grande apreço e dos seus contemporâneos apenas o apreciavam o P.e Teodoro de Almeida e Henriques de Paiva, ao que sabemos. No nosso tempo, Sousa Viterbo deu-lhe lugar entre os inventores portugueses; salientando que vira em Paris, no Museu das Artes e Officios, o modelo em madeira de uma péndula construida por ele, antes que Ricardo Jorge o vingasse do esquecimento numa excelente memória a que este modesto estudo tem por unica pretensão juntar alguns pormenores ignorados<sup>27</sup>.

(Continua no próximo número)

(26) A tradução de Cronstedt já no ano da sua publicação era citada em Portugal. *Jornal encyclopedico*, agosto de 1788, pag. 238.

(27) Já estava escrito este trabalho quando José Pereira de Sampaio publicou o seu livro *O Porto culto em que se ocupa do fisico português*. Preferimos publicar a nossa memória, tal como a escrevemos, remetendo o leitor para a obra do illustre publicista, nosso amigo.

## NOTÍCIAS

## Participação da CESAB na Festa das Línguas

4

Nos dias 29 e 30 do último mês de Setembro, teve lugar no Centro Cultural de Belém a «Festa das Línguas», evento final das comemorações do Ano Europeu das Línguas.

Este acontecimento cultural, que pretendeu mostrar ao grande público uma grande variedade de línguas, foi organizado pelo Ministério da Educação, em conjunto com o próprio CCB.

A CESAB foi convidada a animar um espaço na chamada «Oficina das Línguas» sobre o Hebraico. Deram corpo a esse espaço o Prof. Doutor José Augusto Ramos e os Drs. Ana Valdez e Paulo Mendes Pinto.

## AMIGOS DE RIBEIRO SANCHES

Continuação da *News Letter* nº5

Por Maximiano de Lemos

Logo, publica a *Vida de Fr. Bartolomeu dos Mártires de Fr. Luís de Sousa* (Paris, 1760), a que antepõe uma biografia do grande escritor.

Ai, quando se refere á profissão de D. Manuel de Sousa Coutinho surge-se contra a precipitação dos votos religiosos «causa de tantas vítimas da inconsideração e da cegueira, ligadas sem remédio numa idade em que não dispõem ainda da capacidade de decidir irrevogavelmente da sua sorte»<sup>1</sup>.

Logo a seguir veio o *Épitome de Gramática Grega* (Paris, Ambr. Didot, 1760) precedido de uma carta a Monsenhor Salema, e que era destinado ás novas escolas de Portugal. Parece que lhe tinham incumbido uma tradução do celebre método de Port-Royal, mas ele fez uma adaptação tão clara e singela quanto possível. A maior curiosidade do livro são umas regras vernejadas para mnemónica. É rara nas bibliotecas esta gramática de que o nosso querido Ricardo

Jorge pescou um exemplar por um pataco no chão da Feira da Ladra. Destino simbólico dos labores intelectuais da nossa terra<sup>2</sup>!

Duas cartas, uma de Soares de Barros e outra de Monsenhor Salema datadas respetivamente de 7 e 18 de Junho de 1761, ministram algumas informações sobre a sua vida. Soares de Barros aconselhara-o, vendo-o privado de recursos e deseioso de imprimir um trabalho sobre ortografia portuguesa, a que buscasse um protector em Portugal, o que ele fizera depois de algumas objeções. Salema diz que o protegera e que êle partira para Lisboa na semana anterior áquela em que escrevia. Contava que Barros o encarregara de uma comissão importante para a capital e lhe prometera uma pensão<sup>3</sup>. Três anos depois, por incumbencia de um editor de Lisboa, publicava uma tradução da Fé dos Católicos, do Abade Platel, pseudonimo do P. Norbert, inimigo acérrimo dos Jesuitas, contra os quais escrevia bem pago por Pombal. Voltava o ex-conego regrante a acolher-se ao despotismo ministerial que combatia . . . anos depois<sup>4</sup>.

A vocação de Magalhães era todavia para as ciencias e especialmente para a fisica, para a astronomia, para a metereologia e para a mecânica e os seus trabalhos, alem de lhe grangear em relações com os mais notaveis cientistas do tempo, abriram-lhe as portas da Academia das Ciencias de Paris. Por 1764, transportava-se a Londres, por conselho ou pelo menos com o auxilio de Sanches. E Magalhães que não se peja de confessar essa dívida ao amigo morto. «Forçou-me a aceitar dinheiro para vir para Londres; nunca deixou de me enviar uma quantia anual com uma regularidade tão notavel como esculpida, não querendo nunca aceitar alguns livros que lhe mandava sem pagar separadamente o seu valor<sup>5</sup>. Em Londres, Magalhães tratava e carteava-se com os mais ilustres sábios da época e interessava-se especialmente pelos progressos da fisica, da química e da fisiologia<sup>6</sup>.

Os manuscritos de Sanches fornecem alguns subsídios para a biografia de Magalhães que não devemos desaproveitar. A sua correspondencia com o médico português foi continuada por muitos anos, e interrompida apenas quando ia a Paris e se avistava com êle. Versava sobre os progressos que iam realizando as ciencias que cultivava e ainda outras em que era hóspede, como a medicina. Em carta de 10 de Abril de 1767, Magalhães dava-lhe conta dos efeitos da cânfora sobre

opinião favoravel que o Almirantado formava a respeito do circulo de reflexão inventado por Magalhães; a 16 de Maio noticiava o nosso fisico a invenção de Morel para anestesiar os doentes nas operações e novas descobertas de Priestley que lhe pareciam confirmar a existencia do flogístico. Passa-se o ano de 1786 sem qualquer comunicação de Magalhães. Em 1787, a 19 de Março, o Secretário da Academia lia uma carta sua em que, alem doutras noticias, fazia menção de dois satélites de Urano recentemente descobertos por Herschel; e a 5 de Julho acusava a recepção de uma memoria de Kirwan que o nosso compatriota lhe enviava; acompanhando-a das ultimas observações e descobertas dos físicos ingleses.

Em 1788, a 11 de Abril encontra-se registada a notícia de uma nova construção para o quarto de circulo e outros instrumentos astronómicos inventada e executada por Troughton; e a 18 de Setembro o nosso compatriota enviava á Academia uma obra de Priestley e a sua edição de Cronstedt, a que em breve nos referiremos<sup>14</sup>.

Reatemos a noticia das relações de Magalhães com Sanches, agora menos assiduas, mas igualmente afectuosas. Tinha ficado em 1774 e os anos que passaram já ultrapassaram a data da morte do celebre médico. De 7 de Julho de 1775 temos registada uma nova carta do fisico português ao seu amigo, sem indicação do objecto. A 18 de Janeiro de 1776 ha noticia doutra. Não se trata agora de comercio scientifico: é a narração de que no Arquivo da Torre do Tombo, segundo José Seabra da Silva comunicara ao tenente-general Simão Fraser, se acha a carta de perdão dada por D. Afonso III ao Pe Fernando de Arouca por ter dormido com sete irmãs, onze afilhadas, quinze comadres, uma tia e mais cincoenta mulheres. Ao todo teve cento e noventa filhos: quarenta femeas e cento e cincoenta e sete varões<sup>15</sup>.

Sanches transereve esta parte da carta no seu *Journal* e comenta: «Eu-me persuado que no dia de hoje se acham ainda destes Hereules, nos cavalgadores (sic) da Ordem do cordão de S. Francisco em Portugal e principalmente na Ordem dos capuchos de Santo Antonio»<sup>16</sup>. A correspondencia continua, porém, com mais elevação. A 14 de Novembro de 1777, Magalhães dava conta de um processo de Achard, de Berlim, para fazer pedras preciosas e cristais. De então em diante não encontramos mais vestígios das relações epistolares dos dois

Portugueses, Sanches até chegou a persuadir-se de que o seu amigo não pertencia a este mundo. A 28 de Junho de 1782 recebia uma carta do Dr. Sequeira de Londres que lhe comunicava que Magalhães vivia com saúde e três meses depois, dia por dia, escrevia no seu *Journal*: «Magalhães vive; mandou várias parcelas, para os seus correspondentes.» Novamente andava agora em serviço da nosso Governo que lhe encomendara instrumentos matemáticos para o Bispo de Pequim e para o Dr. Ciera<sup>17</sup>. Uma carta dêle, datada de 24 de Setembro, mostra-o já em relações com artistas e construtores para o cabal desempenho da comissão<sup>18</sup>. Por esta ocasião, o Governo Português houve por bem conceder-lhe uma pensão que se tornaria efectiva depois da morte de Sanches.

Luis Pinto diz no seu officio de 18 de Dezembro de 1782: «Logo que recebi as ordens de V. Ex.<sup>a</sup> apresentei a João Hyacintho de Magalhães a cópia do Decreto com que Sua Magestade se dignou premial-o, por um effeito de Sua Real Grandeza; e o mesmo Magalhães me entregou para V. Ex.<sup>a</sup> a carta inclusa dos seus agradecimentos.»

Logo depois Aires de Sá e Melo consultava o nosso Ministro em Londres sobre a utilidade de uns alambiques inventados pelo fisico português. Luis Pinto, para responder, com segurança, tomou parecer com um célebre artista, Alexandre Brodie, que o informou de que o invento do nosso compatriota havia sido adoptado em alguns navios de guerra e na maior parte dos que faziam a carreira das Indias<sup>19</sup>. Sabemos que esse invento deu lugar a uma nova publicação de Magalhães, feita em francês, explicando o modo de usar e a disposição interna de sua máquina que além da utilidade, tinha o merito de ser acessivel a todas as bolsas, visto que pouco mais custava de cinco libras<sup>20</sup>.

Desde que o nosso fisico começou a receber a pensão do Governo Português, frequentes vezes foi encarregado da aquisição de instrumentos para a Casa Pia de Lisboa, para o Observatorio da mesma cidade, para o serviço da marinha, para uma Comissão de limites do Rio Negro, e para o proprio príncipe real, D. José, que era doutrinado em matemática pelo Dr. Franzini<sup>21</sup>.

Outro aspecto do seu muito saber nos desvenda Magalhães proximo do termo da vida: o de mineralogista. Gozava então dos melhores créditos o tratado do sueco Cronstedt, um dos

9

(1) Ricardo Jorge, op. cit.

(2) O nosso condiscipulo e ilustre escritor José Pereira de Sampaio (O Porto culto, Porto 1912, pag. 460) faz notar, com Inocencio, que aparecem exemplares, em que se cortou a dedicatoria e frontispicio, sendo este substituido por outro com os seguintes dizeres: Novo epitome de Grammatica grega de Porto Real, acomodado na lingua portugueza para uso das novas escholhas, por mandado de Sua Magestade Fidelissima el.-rei D. José I nosso Senhor.

Lisboa, sem nome do impressor, 1760.

As duas edições são identicas, áparte esta modificação e a substituição das fl. 9-10, para introduzir algumas emendas nesta última.

(3) As duas cartas existem no Arquivo do ministério dos negocios estrangeiros, e foram por nós publicadas no Boletim da Segunda Classe da Academia Real das Ciencias de Lisboa, vol. III, 1910.

(18) Esta carta vem transcrita na Correspondencia de Luis Pinto de Sousa Coutinho.

(19) Officio de Luis Pinto de Sousa Coutinho de 11 de Março de 1783.

(20) Mesmo officio.

(21) Officios de Luis Pinto de Sousa Coutinho de 10 de Abril de 1783, 22 de Abril do mesmo ano, 29 de Julho do mesmo ano, 27 de Julho de 1786, 19 de Setembro do mesmo ano, 3 de Outubro do mesmo ano, e 2 de Fevereiro de 1787.

creadores da mineralogia moderna. O livro fôra traduzido em inglês, como em todas as línguas, mas tendo-se esgotado a edição foi o nosso compatriota encarregado de dirigir outra, correcta e ampliada. Da tarefa se desempenhou com o escrúpulo e consciencia que punha em todos os seus trabalhos. Tal como apareceu em 1788, pôde dizer-se que traduzia o estado da ciência do tempo. Do frontispício do livro vê-se que não havia sociedade científica a que êle não pertencesse: Londres, S. Petersburgo, Bruxelas, Lisboa, Madrid, Berlim, etc.

A obra é dedicada ao conde Luis de Barbiano de Belgiojoso, cavaleiro da ordem de Malta, camarista e conselheiro privado de sua majestade imperial e real, a quem se confessa muito agradecido. Na edição colaborou Manuel Mendes da Costa, de origem portuguesa, considerado como a maior autoridade em matéria de paleontologia que já revira a edição anterior, de 1770.

Ao nosso compatriota não o animavam esperanças de lucro, pelo contrário levava apenas em fito prestar dentro das suas forças um serviço público. Das muitas notas, que reclamam exame por parte de um especialista, a que nos interessa mais é referente ao sublimado corrosivo. Depois de asseverar que é um veneno violento, afirma que na mão dos médicos peritos produz em doses mínimas felizes efeitos em casos muito variados. Bem o reconheceu quando, afectado de uma doença escorbútica acompanhada de dores violentas, a que nenhum dos mais habéis práticos conseguia dar alívio, teve a fortuna de ir consultar Sevré, medico oculista em Antuerpia. Prescreveu-lhe este o sublimado e em três meses estava curado. Fornece-lhe o caso ensejo para dizer que a primeira prática metódica da sua aplicação fôra comunicada a Van Swieten *by my late worthy and much regretted friend Dr. A. R. Sanches*, como o próprio Van Swieten confessou. Todavia este gozou em vida a glória de ser considerado autor deste admiravel remedio «*which continues to bear his name among the ignorant and inaccurate physicians of our times*»<sup>22</sup>. Da leitura do livro colhem-se elementos para ampliar a lista das suas relações: Jars<sup>23</sup>, Matthew Guthrie<sup>24</sup>, Latrobe<sup>25</sup>. Magalhães, á semelhança de Sanches, enviava aos seus amigos as produções naturais que lhe chegavam ás mãos. Quando o segundo dos acima nomeados lhe mandou de S. Petersburgo um pouco de ferro nativo, o naturalista

português repartia-o com *my late worthy friend the celebrated Dr. Fothergill*<sup>26</sup>.

A última obra de Magalhães, a única que logrou ser conhecida do grande público, é de um caracter singular. Em 23 de Maio 1786, em um combate com tropas francêsas, ficava atravessado por uma bala em Madagáscar um aventureiro eslavo chamado Mauricio Augusto, conde de Beniowski. Deixando a Hungria onde nasceu, em 1746, em Verbó, embora pretenda nas suas *Memórias* que veio á luz cinco anos antes, serviu no exército austriaco, passou á Lituânia, onde o chamou um tio, quando a morte do pai o fez voltar á Hungria, e aí questões de interesse provocaram dissensões com os cunhados que deram origem da parte dêle a actos de violência. Por isso teve de abandonar a terra natal e de ir para Inglaterra. Mais tarde, os confederados de Bar ofereceram-lhe um posto de coronel, e feito prisioneiro pelos Russos foi mandado para o Kamtchatka, onde pretende ter conquistado a simpatia do governador de Nilov, foi preceptor de seus filhos e casou com sua filha Afanásia, embora um editor russo Berg que teve á sua disposição excelentes meios de investigação, afirme que Afanásia é uma personagem de ficção ou se realmente existiu nunca esteve no Kamtchatka. Fugiu e com uns cem deportados apoderou-se de um pequeno navio, o *S. Pedro* e *S. Paulo* com o qual alcançou a China, estando algum tempo na nossa possessão de Macau. Vindo a França em 1772, a narração das suas aventuras excitou a admiração universal. Qfereceu-se ao Governo Francês para fundar uma colonia na Formosa ou Madagáscar, e efectivamente esteve nesta última ilha, onde conseguiu fazer-se proclamar rei por algumas tribus. Divergências com o Governador da Ilha de França, que lhe recusou auxílio, forçaram-no a regressar á Europa, onde esteve em Paris a reclamar sem resultado contra esta falta d' assistência. Voltou por algum tempo do exercito austriaco, com o qual tomou parte no combate de Habelschwerdt contra os Prussianos e esteve em Londres em 1783, fazendo esforços por se aproximar de Vergennes, ministro francês dos negocios estrangeiros que por um momento recomendou ao Marechal de Castries, então ministro da marinha, como o único homem capaz de promover a colonização de Madagáscar. Como ao mesmo tempo Beniowski entrava tambem em negociações com a Inglaterra, os seus serviços foram recusados em França.

(22) *An Essay towards a system of mineralogy by Auch Frederic Cronstedt translated from the original swedish, with annotations.. by Gustav von Engestrom, the second edition by John Hyacinth de Magellan. London, printed for Charles Dilly MDCCLXXXVIII, pag. 611, nota.*

(23) Pag. 699.  
(24) Pag. 722.  
(25) Pag. 916.

## Calendário

### 1.ª sessão - 21 Fevereiro

Propedêutica do Curso. Apresentação das principais linhas temáticas.  
O estado da questão.

### 2.ª sessão - 18 Fevereiro

O mundo das trocas e do comércio internacional nos finais da Idade Média. O comércio de longa distância: as grandes rotas comerciais; das velhas rotas da seda e do Levante, às novas rotas do Atlântico e do Pacífico.

### 3.ª sessão - 21 Fevereiro

As novas rotas e os novos espaços económicos: a economia atlântica ou o Mediterrâneo de que fala Braudel.

### 4.ª sessão - 25 Fevereiro

A costa africana e a drenagem do ouro. A economias das terras do sul: a América portuguesa e espanhola.

### 5.ª sessão - 28 Fevereiro

A emergência do mundo financeiro. A concentração de capitais. As grandes transformações no comércio de longa distância.

### 6.ª sessão - 4 Março

Moeda e Crédito. O papel da moeda na formação das economias monetárias. As novas visões do mundo. Práticas e representações dessas novas visões.  
Negócios e redes de negócios.

### 7.ª sessão - 7 Março

As praças financeiras. O jogo da moeda e do crédito. A invenção do dinheiro.

### 8.ª sessão - 11 Março

Os inovadores da teoria económica. As condições da inovação e a formação da mentalidade do "entrepeneuer" schumpeteriano.

### 9.ª sessão - 14 Março

Lição de síntese

As inscrições estarão abertas até ao dia 15 de Fevereiro, e podem ser efectuadas por correio, e-mail, fax, ou directamente nas instalações da Cátedra, entre as 13.00 e as 18.00 horas dos dias úteis.

## CADERNOS DE ESTUDOS SEFARDITAS, VOL. 1

A apresentação pública do primeiro volume dos "Cadernos de Estudos Sefarditas" terá lugar no próximo dia 18 de Fevereiro de 2002, pelas 18.30h na Reitoria da Universidade de Lisboa. Este primeiro volume tem como centro, na sua "Parte I", os artigos correspondentes ao Ciclo de Conferências 2000, em que participaram:

- Richard Ayoun (Universidade de Paris I e INALCO), *Les Portugais dans l'Ouest de la France à l'Époque Modern*
- Prof. Juan Gil (Universidade de Sevilha), *Os Judeus castelhanos e as Conspirações contra D. João II*
- Joseph Abraham Levi (Universidade de Iowa), *A Diáspora Sefardita nas Américas durante os séculos XVII e XVIII*
- Maria da Graça Mateus Ventura (ICIA), *Os Gramacho. Estudo de um caso de redes de influência em Cartágena das Índias (1591-1637)*
- António Borges Coelho (Professor Jubilado da Universidade de Lisboa), *Judeus e Cristãos-Novos no tempo dos Filipes*

Nas restantes partes apresenta:

### Parte II

Artigos e Bibliografias

- Joseph Abraham Levi (Universidade de Iowa), *Bibliografia sobre as comunidades sefarditas na Ibero-América*
- José Varandas e Vasco Resende, *Bibliografia sobre estudos judaicos na Biblioteca do Instituto de Cultura Árabe «David Lopes»*
- Carlos Manuel Valentim, *Mestre João Faras um sefardita ao serviço de D. Manuel I*
- Herman Prins Salomon, *Um documento inédito sobre a "moderna" comunidade Israelita de Lisboa*

### Parte III

Vida da Cátedra

Org. Paulo Mendes Pinto

- Catálogo Bibliográfico: aquisições e ofertas no ano 2000
- Índices de leitura da Biblioteca «Alberto Benveniste»
- Conferências da Cátedra «Alberto Benveniste»: 1997-2000: cinco anos de sessões com onze especialistas

No ano seguinte, é que chega a Londres a ordem para a compra dos instrumentos matemáticos. «Logo mandei chamar João Hyacintho de Magalhães que tem huma correspondencia neste genero com muitas Academias da Europa, e huma reputação bem estabelecida nesta Corte», diz Luis Pinto, e éle começou imediatamente a empregar esforços para satisfazer essa ordem, apesar de não ter esclarecimentos bastantes sobre alguns objectos pedidos. Nas duvidas que manifesta, temos noticia pelos officios de 5 e 12 de Maio de 1778. A 8 de Junho, ficavam em poder do nosso Ministro um óculo aeromático e 5 agulhas magnéticas de algibeira que estavam prontas para partir pelo primeiro navio, mas outros instrumentos faltavam que demandavam tempo para se construir. Dêles se ocupa Sousa Coutinho em 14 de Julho e por essa ocasião era confiada a Magalhães análoga comissão pela Espanha, demandando uns sete meses para a sua completa execução. A 12 de Janeiro de 1779 estavam aviados a maior parte dos que eram pedidos pelo nosso Governo, sendo enviada uma primeira remessa a 16 de Fevereiro, segunda e terceira a 23 de Março e as duas ultimas em 6 de Julho. A importancia total foi de 1523 libras e 2 shelins, não recebendo Magalhães qualquer remuneração pelo seu trabalho. Todavia este desinteresse ocultava o desejo ou a esperança de ser pensionado em Londres para a aquisição de livros e instrumentos de que houvesse precisão para a Universidade ou para a Academia nautica de Lisboa. «O seu prestimo nesta Linha, dizia o Ministro português, não pôde deixar de ser recommendavel, porque o dito Magalhães tem todos os conhecimentos necessarios, e huma correspondencia em Londres com a maior parte das Academias da Europa, sendo Membro e correspondente de algumas. Estas circunstancias, e o seu génio natural para as cousas mechanicas, o tem feito conhecido de todos os Artistas; e por isso pôde ser igualmente util para o progresso das Artes, e Manufacturas desse Reino.» A pensão não foi então concedida, e só mais tarde a havia de receber pelo falecimento de Sanches.

Lancemos agora os olhos para a coleção de memórias que deram motivo a este exame da correspondência de Sousa Coutinho. Em carta preliminar da noticia descritiva, Magalhães mostra-se contrariado por não empregar a lingua portuguesa, por causa dos termos técnicos que em grande

parte não estavam introduzidos nela e se veria obrigado a suprir por circunlocações ou definições.

Ricardo Jorge destaca apenas algumas notas impressivas, colhidas ao folhear estas memórias recheadas de dados, experiencias, descrições e ilustradas de figuras a talho doce. A primeira das memorias é sobre o sextante e foi publicada pela Academia das Sciencias de Paris, com um relatório elogioso subscrito pelos nomes de Borda, Bory e Bezout, e considerada por Lalande como o mais completo repositório conhecido sobre o assunto<sup>9</sup>. Em respeito á verdade e num impulso de patriotismo zomba da moda de chamar *Vernier* ao *Nonius* que havia pouco tinha sido introduzida por «messieurs les Petits Maitres de la litterature instrumentale» e recomenda-lhes um nome mais bonito, o de Clavius, que vinte anos antes de Vernier adoptara uma divisão semelhante á dêle. A troça vingadora de Magalhães não impediu que a usança persistisse.

Noutra série de memórias<sup>10</sup>, é um dos primeiros a compreender e executar o registo continuo das indicações meteorológicas, descrevendo minuciosamente o arranjo d' um metereógrafo perfeito e barato que inserevia automaticamente a pressão, a humidade, etc. Como todos sabem, a voga dos aparelhos registadores é quasi de nossos dias; Magalhães era um dos primeiros a dar-lhe a importancia que depois todos lhe reconheceram.

Um dos seus trabalhos mais valiosos é referente á nova teoria do calor dos corpos, oferecido ao principe Dmitri Galitzin que mantinha relações com Sanches, seguido de uma carta a Bory que se encontra no *Journal* do P.e Rozier de 1783<sup>11</sup>. Fala nessa memória da sua correspondência sobre assuntos de técnica com o célebre James Watt, seu amigo, então estabelecido em Birmingham; e que déra á máquina a vapor realização prática. Estava ao par das recentes experiencias de Black, o celebre físico edimburguês, assim como dos trabalhos de Priestley e de Crawford. Diz Ricardo Jorge que éle desenvolve as suas deduções com o tento seguro de quem está a ensaiar-se num ramo novo da fisica, da química e da fisiologia.

Proclama numa nota desta memória o préstimo do caúcho como materia prima do arsenal científico. Provinha da provincia brasileira do Pará, onde os Portugueses o recolhiam, por meio de incisões de uma arvore chamada *Seringa*. Noticia que havia alguns meses começara a aparecer em abundancia

nos mercados de Londres, levado pelos marinheiros lusitanos que o vendiam por bom preço, por causa do seu emprego no desenho e na construção de instrumentos cirúrgicos. No final das memórias encontra-se em apêndice uma carta dirigida ao nosso Sanches com a data de 4 de Novembro de 1778, consagrada á terapeutica do cirurgião Mudge que tratava os catarros respiratorios pela inalação de vapor d'agua. Magalhães mostra-se convencido das vantagens do novo processo e, no inalador que descreve e figura, introduziu algumas modificações.

Ha nesta memória uma passagem que importa reproduzir. Magalhães mostra-se muito convencido de que a sua comunicação será do agrado de Sanches, e ajuiza-o pela satisfação que sentiu ao ter noticia do invento de Mudge. «A nossa maneira de pensar e sentir, acrescenta éle, quando se trata do bem público, é perfeitamente análoga; e é essa, talvez, a origem única da amizade íntima com que me honrais ha tanto tempo.»

Não logrou Ricardo Jorge ver uma memória de Magalhães, a *Description d'un appareil en verre pour faire des eaux minérales artificielles* (Londres, 1777) e nós não fomos mais afortunados. Temos que nos contentar com as informações que éle recolheu. As águas de Pirmont, Spa, eram então as nascentes minerais mais afamadas da Europa. O *glass apparatus* de Magalhães era destinado a improvisar em poucos minutos as famosas águas férreas. De 1778 é uma memória de Le Bègue de Presle relativamente á morte de Rousseau, á qual o fisico português juntou algumas notas<sup>12</sup>. Referem-se a uma visita que fez a Rousseau, pouco tempo antes do seu falecimento. Em Junho desse ano, o fisico português viera a Paris para ver os seus velhos amigos e mandar arranjar alguns instrumentos que lhe tinha mandado de Londres e haviam sofrido com o transporte. Como fosse das relações do Marquês de Girardin, que hospedara Rousseau em Ermenonville, foi visitá-lo com Le Bègue de Presle em 21 de Junho. Aí se avistou com o grande homem a quem narrou factos que presenciara durante o terremoto e que muito o comoveram. À noite houve concerto em que tomou parte Rousseau, tocando ao piano a música da *Canção do Salgueiro do Othello de Shakespeare*, a qual havia composto.

Como é geralmente sabido, Rousseau faleceu em 2 de Julho.

Magalhães deplora a morte do grande filósofo. Pouco depois sofria outro golpe profundo com a do Duque d'Arenberg, principe do império, Carlos Maria Raimundo, de quem diz que «era o protector das artes, o amator das sciencias e de todos os conhecimentos uteis e o verdadeiro amigo do género humano».

Por esta época esteve o nosso fisico em relações epistolares com Turgot, «ancien contrôleur général.» Essa correspondencia pertenceu a Sousa Viterbo, e acha-se hoje em poder de sua devotada filha. As cartas são dez e datadas de Londres desde 17 de Julho de 1776 a 21 de Maio de 1779. «Por estas cartas, escreveu o ilustre investigador, se vê quanto Magalhães se preocupava com o movimento científico da época e como estava relacionado com os principais sábios da Inglaterra e do Continente. Por elas se reconhece tambem que éle era uma espécie de agente ou commissario que se encarregava da encomenda e remessa de objectos scientificos e doutros de bem diversa natureza»<sup>13</sup>.

Na carta de 17 de Julho refere-se á morte do «pobre Rousseau» e dá conta da visita que pouco antes lhe fizera em Ermenonville, a que acima fizemos referencia. Na de 20 de Novembro de 1778, ha uma referencia a Sanches: «j'ai pris la liberté de mettre dans vos deux caisses les articles suivans, pour d'autres amis. I.º une petite caisse ou boîte, avec quelques brochures & de médecine pour mon intime ami le Dr. Sanches, qui demeure dans le cimetière S.to Jean, rue de la Verrerie.»

Viterbo frisou bem o carácter da correspondencia que temos presente por delicada concessão da sua actual proprietária. Acrescentaremos que entre os homens notaveis da França com quem Magalhães estava em relações, se contava Le Bègue de Presle, medico amigo de Rousseau, autor de diversos trabalhos que tiveram voga efémera; o Marquês de Girardin que deu guarida ao filósofo em Ermenonville; o matemático Bezout, para quem mandava instrumentos de fisica e de astronomia; Bailly, o astrónomo que a política arrancaria ao seu observatório e o povo de Paris nem consentiria que fosse executado na terra «sagrada» do campo de Marte; Roehou, astrónomo tambem, o inventor do analisador e do micrómetro que tem o seu nome, e que ao tempo já realizara três viagens de estudo em Marrocos, em Madagasear e na Ilha de França; o oficial de marinha Gabriel

(9) *Description des octans et sextants anglois ou quarts de cercle à reflection. Paris, chez Vellade MDCCCLXXV. Description des nouveaux instruments circulaires à reflection. Londres; chez Elmsley et W. Brown MDCCCLXXIX.*

(10) *Description et usages des instrumens d'astronomie et de physique faits à Londres par ordre de la cour de Portugal en 1778 et 1779. Londres, chez B. White, P. Emsley et W. Brown MDCCCLXXIX. Description et usages des nouveaux baromètres, pour mesurer la hauteur des montagnes et la profondeur des mines. Londres, par W. Richardson MDCCCLXXIX.*

(11) *Essai sur la nouvelle théorie du jeu élémentaire et de la chaleur des corps. Londres, de l'imprimerie de W. Richardson MDCCCLXXX.*

(12) *Relation ou notice des derniers jours de Mons. Jean Jacques Rousseau; circonstances de sa mort; et quels sont les ouvrages posthumes, qu'on peut attendre de lui: par Mons. Le Begue de Presle, avec une addition relative au même sujet par J. H. Magellan. A Londres,*

chez B. White, J. Johnson, P. Emsley et W. Brown MDCCCLXXVIII. (13) João Jacintho de Magalhães no Diário de Noticias de 25 de janeiro de 1910.

de Bory, que além da sua humanidade para com os negros de S. Domingos, quando governava essa ilha, deixou trabalhos importantes nas *Memórias da Academia das Ciências de Paris* e outras publicações da época; o Pe Sigorgne, um dos mestres de Turgot, newtoniano cujos primeiros trabalhos concorreram para os progressos da física e que no fim da vida estorvou o desenvolvimento da química nova cujo alcance não soube atingir, etc.

Sabios ingleses, ou que pela Gran-Bretanha passassem, Magalhães convivia mais ou menos com Carlos Mahon, que aos dezoito anos alcançava um prémio na Academia de Stockholmo com uma memória sobre o pêndulo e que sempre mostrou interesse pelos estudos da física; o botânico Banks, que estava na véspera de ser eleito presidente da Sociedade Real, uma das maiores figuras da ciência inglesa no século XVIII; Ingenhousz, o naturalista e químico holandês que de passagem em Londres se preocupava com a inoculação variólica que tinha praticado nos filhos de Maria Teresa; Eduardo Nairne, conhecido principalmente pela invenção da primeira máquina eléctrica que permite recolher as duas electricidades; Boulton e Watt, associados para a exploração da máquina de vapor, ou, como então se dizia, máquina de fogo; e ainda outros.

Junta com a coleção das cartas vem uma declaração impressa de Magalhães, em que se compromete a não revelar o segredo de umas experiências a que assistira, feitas pelo Conde de Milly, da Academia das Ciências de Paris, relativas aos processos de tornar ductil a platina, separá-la do ferro, e torná-la de fácil manejo em ourivesaria. Esta declaração tem a data de Paris, 29 de Março de 1781.

Pouco antes da morte de Rousseau, Magalhães começava a mandar á Academia das Ciências de S. Petersburgo uma correspondência regular. A partir de 1777, as actas desta corporação publicam as notícias que êle remetia de Londres. Além de informações a respeito das mais recentes descobertas, oferecia-lhe os seus trabalhos: a *Notícia da morte de Rousseau* (3 de Dezembro de 1778); a *Descrição do inalador de Mudge* (7 de Janeiro de 1779); o *Catálogo dos instrumentos de astronomia e física mandados construir por ordem da corte de Portugal* (11 de Novembro de 1799); a *Descrição e uso dos novos barómetros e o Ensaio sobre a nova teoria do fogo elementar* (19 de Junho de 1880); uma

*Description d'une machine nouvelle de dynamique inventée par M. Atwood, au moyen de laquelle on rend très aisément sensibles les lois du mouvement des corps en ligne droite, en rotation, etc* (26 de Março de 1781); a notícia do pirómetro de Wedgwood (10 de Junho de 1781); uma carta sobre os novos telescópios de Herschel (8 de Julho 1782). Tantos serviços davam-lhe direito a uma recompensa. Assim a 3 de Julho de 1783, a Princesa de Daschkaw propoz e foi aprovado que se concedesse a Magalhães a pensão anual de 200 rublos, com que a Academia assistia a um pequeno numero de associados externos.

Continuou o nosso compatriota a enviar á douta corporação os seus trabalhos. Na mesma sessão de 3 de Julho, tomava conhecimento de que enviara á Presidente um circulo de reflexão de sua autoria, próprio para medir as distancias dos astros no mar. Roumowski, Krafft e Lexell, que tinham sido encarregados de examinar este instrumento, julgaram-no muito util e por isso muito digno da aprovação da Academia. Esta resolveu remetê-lo ao Colegió do Almirantado, acompanhando-o do relatório de Lexell e de uma carta de recomendação da Princesa de Daschkaw.

Novas comunicações se encontram nos anos seguintes. A 5 de Maio de 1783, temos a da ideia de um novo escape para os relógios astronómicos; a 16 de Junho a notícia de uma descoberta feita por Goodricke de que a estrela Algol era de grandeza variavel; no 1.º de Setembro Lexell dava conta de uma carta de Magalhães, relativa a umas cozinhas marítimas que permitiam preparar diferentes manjares ao mesmo tempo e transformavam a água do mar em água potavel; a 11 de Dezembro: o Secretário lia uma carta relativa a um novo cometa descoberto em York por Eduardo Pigott. Em 1784, a 8 de Abril, informava-a dos progressos introduzidos nas máquinas de vapor por Watt e Boulton que consistiam em tornar rotatório o movimento alternativo destas máquinas; a 14 de Junho enviava outra carta em que dava conta da descoberta de um vulcão na lua por Herschel e da balança hidrostática de Nicholson; em 11 de Novembro ainda outra relativa á descoberta de Priestley da produção de ar inflamavel (hidrogenio) fazendo passar vapor d'água através do ferro em brasa.

Em 1785, a Princesa de Daschkaw mandava uma carta que lhe fora remetida pelo Conde Tschernischef, contendo a

o organismo vivo, segundo os trabalhos de um cirurgião de Edimburgo, Alexander<sup>7</sup>. A 4 de Dezembro de 1768, dizia ao seu amigo que fora ver umas máquinas prodigiosas e preciosas que de Inglaterra iam ser remetidas aos Imperadores da China e do Mogol, constituídas por figuras representando animais e postas em movimento por um relógio. A 15 de Abril de 1769, Sanches lança no seu *Journal* a notícia da chegada do seu amigo, que em Paris se demorou até 7 de Maio. Quando, a 11 de Junho o Pe Valart lhe disse que um Inglês tinha publicado um livro contra Newton, Sanches pedia informações sobre o assunto ao seu compatriota. Encarregava-se da compra de uma pérola vermelha que Magalhães mandava entregar a Messier a 29 de Junho e nessa data enviava ao fisico português a *Connaissance des temps*. A 5 de Outubro de 1769, Magalhães remetia ao seu amigo um prisma para Messier e dois folhetos de *Dióptrica* para o Pe Bourriot. Em 21 de Junho de 1770, Sanches oferecia-lhe o *Método de aprender e estudar a medicina*, acompanhando-o de uma carta sobre o estabelecimento das escolas menores de Castela. Magalhães estava então em Paris e aí se demorou até 20 de Agosto, parecendo que se aproveitou da hospedagem do seu amigo. Sanches escreve no seu *Journal*: «Hoje partiu para Londres o sr. Hyacintho Magalhaens; aprendi delle não consentir em minha idade viver com ninguem em comunidade senão com mulher: que coma cada qual, e beba e c.: se puder, mas não no mais de que necessita a vida: Isto lhe direi pouco a pouco se viver: e se lho não metter na cabeça, vou-me viver em hũa estalagem»<sup>8</sup>. Só dois anos depois vemos notada uma carta de Magalhães; era datada de Londres a 5 de Julho e versava sobre as virtudes do ar fixo. A 22 de Janeiro de 1774, Sanches encomendava-lhe alguns livros. Em Maio de 1774, o fisico voltava novamente a Paris. Partia a 22 para Bruxelas e em 28 de Outubro regressava a Londres, d'onde a 2 de Dezembro eserevia a Sanches.

Ricardo Jorge refere-se a uma carta que ao tempo estava em poder de Fernandes Tomás, datada de 1774, dirigida a Duchenne, secretario Trudaine de Montigny, intendente geral de finanças, director das pontes e calçadas e membro honorário da Academia das Ciências de Paris. Estava a preparar-se para partir para Paris, e mandava adiante seis caixas de livros e instrumentos. Levava para a Academia das

Sciencias de Paris as *Philosophical Transactions* oferecidas, pela Real Sociedade de Londres e dois novos sextantes de sua invenção; próprios para marear, assim como muitas encomendas para pessoas mais ou menos distintas. Entre elas encontramos o nosso Sanches, para quem enviava pacotes de livros e massinhos de simplices da India.

São mencionados mestres consagrados de astronomia: Messier e Lalande e o padre Rozier, director do *Journal de Physique*, que durante anos acompanhou os progressos das sciencias fisico-naturais, afóra outras pessoas de menos evidência.

O trecho mais valioso é relativo a um livro e uma carta do agrónomo Young ao Marquês de Mirabeau, pai do celebre tribuno. Magalhães privava com Young e com o seu amigo Arbuthnot, que Ricardo Jorge supõe filho ou neto de outro Arbuthnot, celebrado médico e escritor do tempo da rainha Ana.

Abriram-se a Magalhães as portas da Real Sociedade de Londres, e de cada vez mais se entregou aos seus estudos de física experimental e ao aperfeiçoamento de instrumentos de precisão.

Uma série notavel de memórias que demonstram espirito de análise e invenção vieram a lume de 1775 a 1780. Reuniu as êle num grosso volume que ofereceu ao Marquês de Angeja, ministro de D. Maria I. Fôra o caso que o Governo Português dera ordem ao embaixador Luis Pinto de Sousa Coutinho para mandar fabricar em Inglaterra instrumentos astronómicos, náuticos, geodésicos e outros, subordinando-se a construção á superintendencia de Magalhães que lhe introduziu notaveis aperfeiçoamentos.

Ricardo Jorge aventa que a encomenda se relacionasse com a criação da Academia Real de Marinha que se levou a efeito em Agosto de 1779.

O arsenal foi expedido para Portugal em meados dêsse ano e logo a seguir igual incumbencia lhe era feita pelo Governo Espanhol por intermedio do embaixador Escarano. A correspondência de Luis Pinto de Sousa Coutinho, existente na Biblioteca municipal do Porto, esclarece bastante as relações de Magalhães com o nosso Governo. O seu nome começa a aparecer a 2 de Novembro de 1778, em que êle intervem na aquisição de uma máquina a vapor para esgotar água que Martinho de Melo e Castro encomendou.

(14) As notícias aqui extractadas foram colhidas nas Acta Academiae scientiarum imperialis petropolitanae pro anno MDCCCLXXVII. Petropoli Academiae scientiarum MDCCCLXXVIII e nos volumes seguintes

(15) A conta não está certa, mas é como se acha transcrita no Journal de Sanches.

(16) Ms. da Biblioteca da Escola de Medicina de Paris-vol IV, fl. 205 v.

(17) É isto o que consta do officio de Luis Pinto de Sousa Coutinho de 24 de Setembro de 1782 a Martinho de Melo e Castro na Correspondencia citada.

(4) Vejam-se as notas a respeito deste livro publicadas por José Pereira de Sampaio, pag. 466 e seg. do livro citado.

(5) Notas manuscritas citadas.

(6) As *Philosophical Transactions* de 1769 publicaram umas observações sobre a passagem de Venus e o eclipse do sol que tinham sido comunicadas a Magalhães por Messier. O fisico português recebeu tambem ao mesmo respeito uma carta do padre Bourriot.

(7) *Materia medica* Mss da Biblioteca da Escola de Medicina de Paris.

(8) Ms de Ribeiro Sanches da Biblioteca da Escola de Medicina de Paris- vol. IV, fl. 85v.